



Atividades culturais marcam aniversário da UFV



A UFV prepara uma intensa programação cultural para comemorar o aniversário de 87 anos. Durante todo o mês de agosto, as comunidades universitária e das cidades onde estão os três *campi* (Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba) – terão muitas opções em áreas variadas da arte.

Páginas 4 e 5

Refinaria de carvão ecológico do Brasil tem tecnologia desenvolvida na Universidade



O que sai das chaminés é uma fumaça incolor que contém basicamente dióxido de carbono e vapor de água. A refinaria, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, é resultado de trabalhos científicos produzidos na Universidade.

Página 9

Infraestrutura destaca Centro de Levantamento de Peso



Qualidade e quantidade de equipamentos possibilitam capacitação de profissionais para treinamento de jovens estudantes. De acordo com o Ministério dos Esportes, a UFV é a única universidade pública do país a ter um Centro de Treinamento desta modalidade.

Página 11

O desprezo pelo rural empobrece a compreensão do que é o Brasil



Homenageado pela UFV com o título de *Professor Honoris Causa*, o sociólogo José de Souza Martins concedeu entrevista ao Jornal da UFV. Ele falou sobre o sentimento de receber a homenagem, sobre a crise do rural e sobre as manifestações realizadas no país.

Em sua passagem por Viçosa, deixou registrado no Livro de Ouro da UFV as seguintes palavras: “A Universidade Federal de Viçosa é a terra fértil que ensina plantar e colher; casa de semente; flor de esperança e tempo de cidadania”.

Páginas 6 e 7

ESTÃO ABERTAS, até 15 de agosto, as inscrições para apresentação de trabalhos na quarta edição do Simpósio de Integração Acadêmica (SIA 2013), promovido pelas pró-reitorias de Ensino

(PRE), de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG) e de Extensão e Cultura (PEC).

A quarta edição do SIA acontecerá, em outubro, nos três *campi* da UFV e terá como tema *Ciência, saúde e esporte: co-*

nhecimento e acessibilidade. Os objetivos são integrar processos e produtos de iniciações acadêmicas e discutir a produção do conhecimento a partir de temas científicos e tecnológicos relacionados à saú-

de, esporte e acessibilidade.

Mais informações podem ser obtidas no site: www3.dti.ufv.br/sia, onde também estão sendo realizadas as inscrições.

OPINIÃO

Síndrome Norte-Africana

No fim dos anos 1950, o médico e sociólogo argelino e radicado na França Franz Fanon escrevia um texto sobre uma doença que denominava de "Síndrome Norte-Africana". Doença comum entre os imigrantes africanos na França, dizia ele, e que incomodava os médicos de sua geração, quando os pacientes alegavam que doía todo o corpo e não uma parte específica. Até então, de acordo com os manuais de medicina, toda doença precisava ser diagnosticada, localizando-se o sintoma em alguma parte do corpo. Franz Fanon argumentou que o corpo humano era um todo e que a dor africana vinha do seu cotidiano sofrido, de uma vida de discriminações e preconceitos e que, portanto, as dores físicas e psíquicas se alastravam, não sendo possível localizá-las nessa ou noutra parte específica do corpo.

Há cerca de dez anos, os imigrantes saíram às ruas na França, numa série de protestos que causaram perplexidade, pois as razões alegadas eram várias e não uma em específico. Em maio de 1968, também na França, mas repercutindo em outros países, os estudantes foram às ruas protestar contra todo um sistema. O mesmo se deu com o movimento conhecido como contracultura. Os antropólogos, afeitos que são a estudar diversas sociedades, costumam chamar esses momentos de "dramas sociais", ou seja, situações liminares, em que as tensões de uma sociedade são afloradas: ocasiões em que inversões nos papéis sociais podem ser experimentadas e/ou reivindicadas. Os historiadores e sociólogos percebem esses momentos como os de uma "tomada de consciência" acerca de questões do seu tempo.

Os acontecimentos de junho de 2013 no Brasil podem ser compreendidos como um desses momentos históricos de um país. Os elementos do drama são vários: o "país do futebol" se prepara para sediar o evento mais importante desse esporte, uma competição que mobiliza a nação; os gastos

foram além do esperado; populações urbanas precisaram ser "removidas" de seus lugares e casas para dar lugar ao espetáculo; o cenário adquiriu visibilidade midiática, com cobertura mundial.

Ao mesmo passo, uma população, no seu cotidiano, experimenta a dor do "prego no sapato", por suas imensas carências – reconhecidas por alguns governantes – de condições dignas de saúde, educação, transporte, trabalho, planejamento urbano, acessibilidade, entre outras. Ora, essa dor era cotidiana; são as tensões experimentadas pelos brasileiros em seu dia a dia: ricos e pobres com uma das piores qualidades de vida do mundo.

Vinte centavos de aumento no transporte foram o estopim. Alguns diriam que, às vezes, para salvar um corpo, um médico precisa extirpar um membro. Não foi o suficiente. As dores se alastraram, dessa vez, pelas redes sociais – com a velocidade da internet. Como no período de redemocratização do país e no "Fora Collor", a população retomou o espaço público, a *polis*, a rua, e fez dela o lugar de cidadania, além do ciberespaço. Em tempos de sociedade vigiada, filmadoras nas ruas, *big brother* e acusações de espionagem na internet, ir à rua e mostrar o rosto ganhou um significado especial.

Como os processos de mudança nunca seguem um ritmo predeterminado e há muitas vozes em disputa, o drama passou a ser vivido também em situações como as de quebra de bens públicos e privados, ao lado de pessoas que conclamavam por um movimento pacífico, defendendo a efetividade dos direitos, das garantias, das instituições. Uma polifonia de vozes, em catarse, cada uma a reivindicar o seu espaço, num difícil – mas talvez necessário – aprendizado de um país (com tantos legados de injustiça e desigualdades), em busca da construção de uma democracia com justiça social.

Douglas Mansur da Silva

Professor do Departamento de Ciências Sociais

Aconteceu...

No dia 29 de maio, a defesa da primeira dissertação do curso de Pós-Graduação em Agroecologia. Orientada pela professora Sílvia Eloiza Priore, a dissertação defendida por Luiza Veloso Dutra teve como tema *Avaliação da Situação de (In) Segurança Alimentar e Nutricional por Diferentes Métodos e a Participação da Produção para Autoconsumo na Disponibilidade Alimentar em Domicílios da Zona Rural, de São Miguel do Anta, Minas Gerais*. A Pós-Graduação em Agroecologia começou suas atividades em agosto de 2011.

No dia 5 e 6 de junho, o evento *A Graduação na UFV: Decisão de Futuro*. Cerca de 26 mil estudantes do ensino médio de escolas do Sudeste visitaram o campus Viçosa com o objetivo de definir os primeiros passos profissionais. Os visitantes participaram de palestras ministradas por professores e alunos da Universidade e tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas sobre profissões e atividades de ensino, pesquisa e extensão. Eles também conheceram prédios e laboratórios e se informaram sobre os cursos oferecidos nos três campi em 36 estandes montados no Espaço Multiuso. O evento aconteceu há cerca de 10 anos.

No dia 6 de junho, no auditório do Centro Tecnológico de Desenvolvimento Regional de Viçosa (CenTev/UFV), o lançamento do livro do Programa de Incentivo à Inovação (PII) da UFV. A publicação traz informações e resultados dos projetos de pesquisas desenvolvidos com o apoio do Programa de Incentivo à Inovação. São nove seções, onde são tratadas as áreas de Saúde Animal; Tecnologia de Alimentos; Meio ambiente; Agronegócios; Mecanização Agrícola; Engenharia Biomédica; Cultura Florestal; Bioenergia e Sistemas de Informação. A distribuição do livro é gratuita e ele pode ser solicitado pelo e-mail: comunicacao.centev@gmail.com

O PII é fruto de uma parceria entre UFV, a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (Secites) e o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae).

No dia 21 de junho, o Seminário de Encerramento do Centro Regional de Referência sobre Drogas (CRR), realizado pela Divisão Psicossocial da UFV. O evento concluiu as atividades iniciadas em junho de 2012 que incluíram quatro cursos oferecidos a mais de 150 profissionais de saúde de 31 municípios da região. O projeto teve coordenação geral da assistente social Poty Colaço Fonseca e trabalhou com todos os aspectos da dependência de droga – da prevenção, tratamento e reabilitação até a reinserção do indivíduo na sociedade.

No dia 27 de junho, em São Paulo, a entrega do Prêmio TOP Etanol. A UFV ficou em segundo lugar na modalidade *Monografias* na quarta edição do Prêmio com o trabalho *Produção e pu-*

rificação de enzimas envolvidas na hidrólise de biomassas lignocelulósicas, desenvolvido por Magno José de Oliveira, recém-formado em Engenharia de Alimentos. Ele foi orientado pela professora Jane Sélia dos Reis Coimbra, do Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA), e por Sindelia Freitas Azzoni, do Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Biotanol (CTBE), da cidade de Campinas (SP).

Também em junho, o estudante do Programa de Pós-Graduação Solos e Nutrição de Plantas, do Departamento de Solos (DPS) da UFV Gelton Geraldo Fernandes Guimarães foi um dos vencedores do Prêmio Petrobrás de Tecnologia. Ele concorreu na categoria de *Tecnologia de Gds*, na sexta edição do concurso.

O trabalho intitulado *Carvão Vegetal Oxidado como Aditivo para o Controle da Volatilização de Amônia Proveniente da Ureia* foi orientado pelo professor Reinaldo Bertola Cantarutti, do DPS. O artigo aborda a tecnologia de fertilizantes, dentro da linha de pesquisa *Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas*.

No dia 17 de julho, a milésima defesa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia. A marca ficou com o trabalho *Viabilidade do consórcio taro e feijão-vagem em função da época de plantio*, defendido por Janiele Cássia Barbosa Vieira, orientada pelo professor Mário Puaiti. Participaram como membros da banca os professores Vicente Wagner Dias Casali e Paulo Roberto Ceccon e a pesquisadora da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) Maria Aparecida Nogueira Sedyama.

No dia 18 de julho, o Doce de Leite Viçosa – produzido pelo Laticínios Funarbe com o apoio da UFV – foi escolhido o melhor do Brasil pelo terceiro ano consecutivo. O resultado foi divulgado na 40ª edição do Concurso Nacional de Produtos Lácteos, realizado em Juiz de Fora (MG). Com este, já são sete primeiros prêmios conquistados. O concurso, promovido pela Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), é o mais respeitado do Brasil.

De 15 a 19 de julho, aconteceu, no campus Florestal, a 44ª edição da Semana do Produtor Rural que, na avaliação do diretor de Extensão e Cultura do CAF, professor Fernando Bastos, superou as expectativas. Foram 350 inscritos – 100 a mais que na edição anterior – para um total de 27 cursos. Para o professor, a Semana do Produtor Rural é uma das principais fontes de comunicação da Universidade com a comunidade de Florestal e região, além de ser o evento que melhor simboliza a extensão do campus. Também ofereceu aos participantes palestras e ampla programação cultural, que incluiu estandes de artesanatos, exposição de arte e apresentações de diversos cantores e grupos musicais.



UFV

JORNAL DA UFV

PUBLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Registro no Cartório de Títulos e Documentos da Comarca de Viçosa sob o nº 04, livro B, nº 1, fls. 3/3v

REITORA

Nilda de Fátima Ferreira Soares

VICE-REITOR

Demetrius David da Silva

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (CCS)

Kátia Fraga

DIVISÃO DE JORNALISMO/CCS JORNALISTA RESPONSÁVEL

EDITORA

Adriana Passos
(Reg. Prof. 3400-MT-MG)

REDAÇÃO

Adriana Passos, Fernanda Pessoa, Izabel Moraes, Kerly Oliveira e Léa Medeiros
Bolsistas: Bárbara Albuquerque, Erika Vieira e Pedro Vital

FOTOGRAFIA

Daniel Sotto Maior

DESIGNER GRÁFICO

Márcio Jacob

IMPRESSÃO

Editora UFV
Divisão Gráfica Universitária

DIRETOR

Clóvis Andrade Neves

DIVISÃO DE GRÁFICA UNIVERSITÁRIA

José Paulo de Freitas

Divisão de Jornalismo

Vila Glanetti, Casa 41
Campus Universitário

CEP36570-000 - Viçosa - MG
Telefax (31) 3899-2877
E-mail: acs@ufv.br



UFV altera processos de preenchimento de vagas dos cursos de graduação

A partir de 2016, todas as vagas para ingresso nos 67 cursos dos três campi na UFV estarão disponíveis no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), do Ministério da Educação, que exige a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Por esta razão,

em 2013, a UFV não terá a primeira etapa do Programa de Avaliação Seriada para Ingresso no Ensino Superior da UFV (Pases). A decisão foi aprovada pelos conselhos Universitário (Consu) e de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe).

Contudo, para os estudantes que fizeram o Pases 1, em

2011, e o Pases 2, em 2012, e para os que fizeram o Pases 1, no final do ano passado, e farão o Pases 2 este ano, fica assegurado o direito ao percentual de 20% das vagas para ingresso em 2014 e 2015, respectivamente. O Pases 2 ocorrerá em 2013 nas mesmas cidades

onde foram realizadas as provas do Pases 1 no ano passado.

Outra medida recentemente aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão diz respeito às vagas ociosas nos cursos da UFV. A partir de 2014, elas farão parte das vagas disponibilizadas ao Sisu.

Desta forma, não haverá processo seletivo específico para a ocupação delas. Vale lembrar que as vagas ociosas são geradas por abandonos, desligamentos, transferências e mudanças de cursos, nos cinco primeiros períodos da graduação.

Mais próxima de Moçambique



Foto: Associação Imprensa Pagemig

organizou o evento *Moçambique: Um País de oportunidades?*, em comemoração aos 38 anos de sua independência. O objetivo foi difundir informações sobre o país para a comunidade acadêmica.

Vale lembrar que o NemoV foi criado em 2012 para auxiliar os estudantes moçambicanos em Viçosa no que diz respeito ao enquadramento social, segundo explicou a engenheira agrônoma Nancy Taéira Ibraimo Samamad, doutoranda do Departamento de Fisiologia Vegetal da UFV.

Além disso, a criação do grupo é uma possibilidade de troca de experiência com os moçambicanos que se encontram em Viçosa há mais tempo. Nancy, por exemplo, está na cidade desde 2009, quando começou o mestrado no Departamento de Fitotecnia, finalizado em 2011. Em sua opinião, a grande tradição em pesquisa, ensino e extensão faz da UFV um potencial parceiro com as instituições de ensino superior de Moçambique. Isso auxilia no desenvolvimento de pesquisas e do país.

O pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Eduardo Seiti Gomide Mizubuti, lembra que a UFV, por meio do programa de pós-graduação em Nutrição, está implementando um convênio com a Universidade de Lúrio. Além disso, há uma iniciativa que envolve três instituições moçambicanas (Instituto de Investigação Agrária de Moçambique, Universidade de Zambese e Instituto Superior Politécnico de Manica) para treinamento na UFV, na área de defesa sanitária vegetal.

Em sua opinião, o maior ganho para a Universidade com essa aproximação é a oportunidade de se fazer pesquisa e extensão solidárias, que irão ajudar um país com índices de desenvolvimento humano ainda bastante baixos.

Experiências atuais

Atualmente, a UFV tem 18 alunos de Moçambique. No início de julho, o Núcleo de Estudantes Moçambicanos em Viçosa (NemoV)

Adriana Passos

Novo portal facilita acesso a informações

Quem acessou o site da UFV no dia 27 de junho encontrou uma página diferente daquela conhecida desde 2001. Apresentada à comunidade acadêmica em sua fase de testes, o novo layout começou a ser planejado há aproximadamente dois anos, a partir de sugestões da comunidade. A comissão de sites - presidida pelo pró-reitor de Planejamento e Orçamento, Sebastião Tavares de Rezende -, a Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (Cead) e a Diretoria de Tecnologia da Informação da UFV (DTI) foram as responsáveis pelo desenvolvimento do projeto.

Segundo o pró-reitor, o novo site é resultado de uma série de demandas da comunidade universitária, que apresentou um conjunto de sugestões levadas à reitoria. A partir daí começaram os estudos para a proposta do site. "Primeiro, elencando os princípios que o constituiriam e, depois, como seria construído esse processo internamente", explica o pró-reitor.

A criação foi baseada em pesquisa de páginas de instituições do Brasil e do exterior, procurando compor um desenho mais simples, que facilitasse o acesso tanto para estudantes quanto para pessoas não vinculadas à Universidade, usando as cores do brasão da UFV para manter a identidade da instituição.

De acordo com o professor Frederico Passos, coordenador da Cead, a página foi pensada para que pudesse ser aberta em qualquer lugar do mundo e por qualquer pessoa, de forma que ela encontre aquilo que realmente lhe interessa. Além da agilidade de navegação e do layout mais moderno, o novo site propõe uma unidade visual a todos os setores da Universidade, incluindo os campi de Rio Paranaíba e Florestal. Para isso,

sua confecção foi orientada por três princípios básicos.

O primeiro foi a diferenciação de públicos, criando áreas específicas para as comunidades acadêmica e externa. De modo que o acesso às informações se tornasse mais fácil e atrativo. O segundo foi a vinculação do site a bancos de dados dos órgãos e departamentos da UFV, para que as novas páginas tivessem informações sempre atualizadas. O terceiro princípio foi a uniformidade: todas as páginas de órgãos da Universidade, como pró-reitorias, secretarias e departamentos, deverão seguir o mesmo layout.

Com as novas modificações, o site passa a oferecer também suporte para dispositivos móveis. Além disso, toda a estrutura foi construída segundo o Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG), que corresponde a um conjunto de recomendações para padronizar o processo de acessibilidade dos sites e portais do governo brasileiro. Entre os recursos, estão a possibilidade de aumentar ou reduzir o tamanho das fontes e alterar o contraste e as cores do site para preto e branco.

Em breve, as informações de maior interesse do público serão traduzidas para inglês e espanhol.



Produção

Dentre as muitas pessoas envolvidas na elaboração do novo site estão Edson Nei Duarte Nogueira, funcionário da Cead, responsável pelo design, e Carlos Antônio Bastos, da DTI, que coordenou o desenvolvimento de sistema de informação. Edson se diz orgulhoso por participar deste processo, que ainda está em fase de ajustes. "Eu gosto tanto do meu trabalho, que o faço me divertindo. E no meio disso ainda estou fazendo algo tão importante, que revela o que é a UFV para qualquer pessoa, de qualquer lugar. É muito satisfatório", ressalta Edson.

Carlos, por sua vez, destaca que é sempre bom fazer algo positivo para a instituição: "Não digo que é um sentimento de dever cumprido, mas é um sentimento de estar no caminho certo, de tentar colocar as informações de forma que facilitem o acesso para a comunidade".

Conheça melhor a UFV.
Acesse: www.portal.ufv.br

Erika Vieira, bolsista

Atividades culturais marcam aniversário de 87 anos da UFV



No Centro de Vivência está localizado o Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino, que será palco de muitas apresentações

A UFV completará 87 anos no dia 28 de agosto. Para comemorar sua história de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão, durante todo o mês de agosto as comunidades universitária e das localidades onde estão os três *campi* da Universidade – Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba – poderão participar de uma diversificada programação cultural.

Organizada pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PEC), a comemoração envolverá, além da tradicional solenidade de aniversário, espetáculos de música e dança, exposições e atividades lúdicas. Em Viçosa, ela será iniciada pela apresentação do tenor espanhol Padre Miguel Bou e finalizada pela sexta edição do ViJazz & Blues Festival. A programação completa pode ser conferida no quadro da página ao lado.

Segundo a assessora especial

da PEC, Regina Célia Pereira da Silva, grande parte dos eventos será gratuita e acontecerá nos espaços fechados e abertos da Universidade. “Procuramos levar essas atividades para locais, como o gramado das Quatro Pilastras, onde acontece a interação entre a UFV e a cidade. O nosso objetivo é trazer a comunidade viçosense e da região para dentro do campus”, conta. A diversidade das manifestações culturais, de acordo com a diretora da Fundação Artística, Cultural e de Educação para a Cidadania de Viçosa (Facev), Deise Eclache, foi pensada com a finalidade de agradar públicos variados.

Novos projetos culturais

Parte das atividades previstas para agosto vem sendo realizada desde o começo do primeiro semestre letivo de 2013. São os novos projetos culturais da PEC, que

têm os objetivos de resgatar memórias, revelar talentos, expandir o acesso à cultura e aproximar a Universidade e a cidade, como explica Regina. Ela lembra que, no final de 2012 e início de 2013, novos servidores técnico-administrativos passaram a fazer parte da equipe da PEC que, juntamente com os integrantes da Divisão de Assuntos Culturais, têm trabalhado e colocado em prática, no campus Viçosa, os seguintes projetos:

●**Meio Dia e Música:** recitais, concertos e shows de música erudita e popular gratuitos, que dão oportunidades para jovens músicos mostrarem suas habilidades. Acontece uma vez por mês, às 12h30, no auditório do Departamento de Engenharia Florestal.

●**Pra Ver a Banda Passar:** apresentações de bandas de música

civis de Viçosa e região mensalmente, às 12h30, na Estação Cultural.

●**Quinta Cultural:** apresentações artísticas – de música, dança, teatro, etc. – e exposições toda quinta-feira, entre 12h e 13h30, na Estação Cultural.

●**UFV in Concert:** concertos e shows com grupos orquestrais e músicos de expressão nacional. Para 2013, o projeto prevê apresentações com a Orquestra de Câmara de Ouro Preto, Orquestra Opus e a Cantata de Natal.

A Pró-reitoria de Extensão e Cultura também mantém, no campus Viçosa, uma pinacoteca com acervo de obras de artistas nacionais e internacionais; o Museu Histórico da UFV, com objetos que se referem à memória institucional, e

a Casa Arthur Bernardes, museu e antiga residência do ex-presidente e criador da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav), Arthur da Silva Bernardes. Ainda neste campus, as comunidades universitária e viçosense têm à disposição oficinas de instrumentos musicais, de canto e de teatro.

Os interessados em participar dos novos projetos devem enviar suas propostas para a Oficina de Criatividade, localizada na casa nº 2 da Vila Giannetti.

Informações sobre as oficinas de instrumentos musicais e de canto e sobre as localizações e horários para visitas da Pinacoteca, do Museu e da Casa Arthur Bernardes podem ser obtidas com a Divisão de Assuntos Culturais, na casa nº 3 da Vila Giannetti e pelo telefone (31) 3899-2451.

Agenda Cultural de Aniversário

1º de agosto

Apresentação de canto lírico e piano do tenor espanhol Padre Miguel Bou, da Catedral de Valência

Local: Auditório do Departamento de Engenharia Florestal
Horário: 12h30

De 1º a 29 de agosto

Exposição de fotografias do arquivo pessoal de Arthur Bernardes

Local: Estação Cultural
Horário: das 8h às 12h e das 14h às 18h

De 1º a 31 de agosto



Exposição da restauração e revitalização dos quadros de ex-alunos da Universidade
Local: Hall da Biblioteca Central
Horário: integral

2 de agosto

Apresentação de dança - Arte Colaborativa: Universidade Federal de Viçosa e Universidade de Illinois (EUA)

Local: Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino
Horário: 12h30

3 de agosto



35 Anos do Coral da UFV
Local: Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino
Horário: 20h30

De 6 a 9 de agosto

Visitas guiadas e atividades lúdicas na Casa Arthur Ber-

nardes

Local: Casa Arthur Bernardes
Horário: manhã e tarde
Público: Estudantes de escolas públicas e particulares

8 de agosto

Quinta Cultural com Bloco Maracatu

Local: Estação Cultural
Horário: 12h30

9 de agosto

Meio Dia e Música com apresentações musicais eruditas e populares

Local: Estação Cultural
Horário: 12h30

10 de agosto

Programação especial ao vivo Aniversário TV Viçosa e Rádio Universitária FM
Local: Calçadão
Horário: 9h

Show Concerto do Baú - Banda de rock dos anos 80/90
Local: Fernando Sabino
Horário: 20h

15 de agosto



Quinta Cultural com a banda Lútica
Local: Estação Cultural
Horário: 12h30

16 de agosto

Meio Dia e Música com apresentação de piano de Rafael Biscotto
Local: Auditório do Departamento de Engenharia Florestal
Horário: 12h30

17 de agosto



Show Gláucia Nasser - MPB
Local: Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino
Horário: 20h30

21 de agosto



Lançamento dos livros Nello Nuno e Eliana Rangel e abertura da exposição Poética das Cores
Local: Pinacoteca
Horário: 19h

Espectáculo de dança Por enquanto é isso...
Local: Campus Rio Paranaíba
Horário: 19h

22 de agosto



Pra Ver a Banda Passar com a banda do Batalhão da Polícia Militar de Ubá (MG)
Local: Estação Cultural
Horário: 12h30

23 de agosto

Meio Dia e Música com os professores de música da Oficina de Criatividade da UFV
Local: Auditório do Departamento de Engenharia Florestal
Horário: 12h30

23 de agosto

Espectáculo de dança Por enquanto é isso...
Local: Campus Florestal
Horário: 19h

24 de agosto



Show com a banda Beatles Forever, de Juiz de Fora (MG)
Local: Gramado das Quatro Pilastras
Horário: 16h

Show com o músico Tunai
Local: Gramado das Quatro Pilastras
Horário: 19h

25 de agosto

Coral Nossa Voz
Local: Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino
Horário: 20h30

27 de agosto

No Toque Blues da Enxada
Local: Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino
Horário: 19h

28 DE AGOSTO



Solenidade de Aniversário da UFV com apresentação de seresta do José Bóia
Local: Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino
Horário: 19h

29 de agosto



Quinta Cultural com Gilson Reis

Local: Estação Cultural
Horário: 12h30

30 de agosto

Meio Dia e Música com apresentações musicais eruditas e populares

Local: Auditório do Departamento de Engenharia Florestal
Horário: 12h30



ViJazz
Local: Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino
Horário: 21h

31 de agosto

ViJazz
Local: Gramado das Quatro Pilastras
Horário: 15h

ViJazz
Local: Espaço Acadêmico-Cultural Fernando Sabino
Horário: 21h

1º de setembro



ViJazz
Local: Gramado das Quatro Pilastras
Horário: 15h

ENTREVISTA

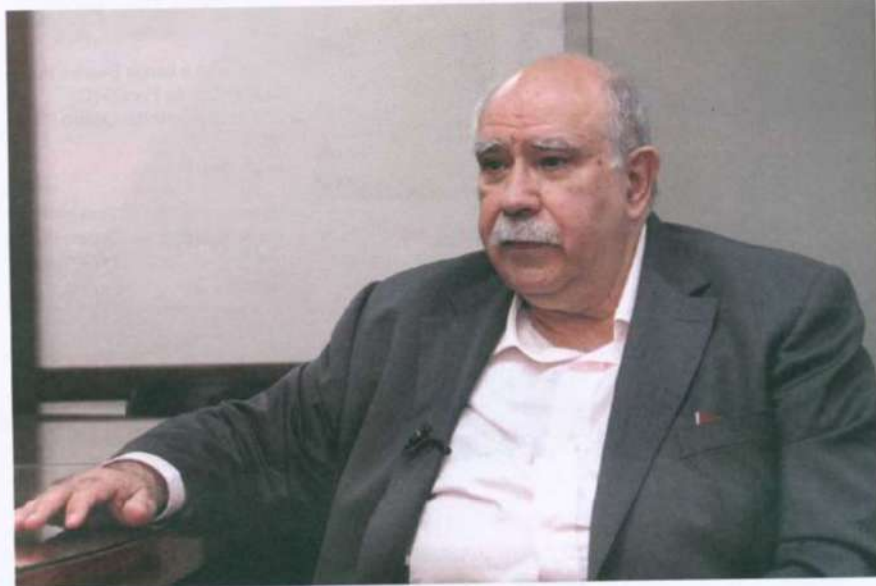
JOSÉ DE SOUZA MARTINS

O desprezo pelo rural e pelas profissões relacionadas a ele empobrece a compreensão do que é o Brasil

A partir de sugestão encaminhada pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, o Conselho Universitário da UFV concedeu, em junho, o título de *Professor Honoris Causa* ao sociólogo José de Souza Martins. Professor titular aposentado da Universidade de São Paulo, Martins se destaca pela ampla temática de estudos, traduzida em uma obra que inclui dezenas de livros e centenas de artigos científicos e jornalísticos.

Ao longo de sua carreira, preocupou-se em entender a vida cotidiana daqueles que denominou como "os mais simples", entre eles operários e trabalhadores rurais. Recebeu diversas premiações por obras específicas ou pelo conjunto da obra, como o Prêmio Florestan Fernandes, outorgado pela Sociedade Brasileira de Sociologia. José de Souza Martins é também membro do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Durante sua visita à Universidade, além de receber a homenagem, ministrou uma Aula Magna, se encontrou com estudantes do Colégio de Aplicação - Colmi e concedeu uma entrevista ao *Jornal da UFV*, cujos principais trechos podem ser conferidos aqui. Em sua passagem por Viçosa, deixou registrado no Livro de Ouro da UFV as seguintes palavras: "A Universidade Federal de Viçosa é a terra fértil que ensina plantar e colher; casa de semente; flor de esperança e templo de cidadania".



O que significa para um pesquisador com a sua história receber um título de *Professor Honoris Causa*? É a primeira vez que recebe esta homenagem?

Eu nunca recebi um título deste e estou emocionado. Eu não sou um pesquisador/professor preocupado com honrarias acadêmicas, embora eu não as desvalorize, porque acho que têm um grande sentido na vida das pessoas. Sempre admirei aqueles que tiveram seus méritos reconhecidos desse modo tão eloquente. Na verdade, em geral, as nossas universidades são muito econômicas neste reconhecimento. Nós temos grandes pesquisadores no Brasil que nunca receberam nenhum reconhecimento de suas universidades.

O senhor já conhecia a UFV?

A primeira vez que tive um contato com pessoas desta universidade foi há cerca de 50 anos, quando participei pela primeira vez de uma reunião da Sociedade Brasileira de Economistas Rurais (Sober). Foi quando tive a dimensão do que era a Escola de Agronomia de Viçosa, o trabalho que

faziam. As pessoas daqui tiveram uma participação muito intensa e competente, com presença em todas as mesas de discussão. Depois passei a ter contato através do professor Zander Navarro, que eu conheço de muitos anos e que foi estudante desta Universidade. Mas nunca tinha estado aqui.

Qual foi a impressão que teve da Universidade?

Eu tenho muito apreço pela ideia de cidade universitária. Acho que uma universidade que está diluída dentro de uma cidade perde um pouco a possibilidade de criar uma cultura própria. Aqui vocês têm uma universidade que é praticamente uma residência de professores e alunos. Eu acho isso muito positivo. Fiquei muito impressionado com a infraestrutura e com a beleza do lugar. Eu diria que só não estuda quem não quer em um lugar assim. Achei um projeto extraordinário e que é bom que esteja num lugar como este. Não acho que as universidades têm que estar concentradas nas grandes metrópoles, porque isso não cria as condições para o desenvolvimento dessa cultura acadêmica, que é tão fundamental no desenvolvi-

mento da ciência.

Para o encontro com a comunidade acadêmica, o senhor preparou a Aula Magna com o tema "Da roça à tapera: a crise do imaginário rural brasileiro". Que crise é essa?

Nas pesquisas que faço, nos cursos que dou, eu costumo trabalhar sempre com a ideia da história do conhecimento. Tudo que a gente faz nas ciências humanas tem uma história do conhecimento. Como a minha sociologia, num certo sentido, é a do conhecimento, tenho interesse pelo modo como as pessoas definem e classificam a realidade na qual elas vivem, que é o caso concretamente das populações rurais. É uma questão interessante porque me ajuda a compreender as crises sociais na perspectiva da crise do conhecimento que se tem sobre elas.

A mudança no sentido das palavras já é um indicio importante de natureza sociológica sobre o que está acontecendo com a sociedade. Algumas palavras são conceitos fundamentais. Uma delas é a palavra sertão, que aparece na carta de Pero Vaz de Caminha, e que vem até hoje como centro dos

mitos brasileiros, até do Cinema Novo. Nós somos sertão ainda, apesar de tudo, ou queremos ser, o que é pior... É importante saber lidar com as palavras que têm peso conceitual e que são a matéria-prima, o primeiro momento do conceito sociológico; depois é que a gente vai verificar os fatos. A gente vai aos fatos a partir de um conceito que está dado, às vezes, pela própria população, que vive os fatos.

O que está querendo dizer quando fala que "nós queremos ser sertão, o que é pior ainda". Por que é pior?

Porque nós não somos mais sertão. Pior, no sentido do descolamento. É uma palavra que foi se descolando historicamente da sua própria realidade. O sertão está em toda parte. Onde é que está a música sertaneja? A música sertaneja é urbana; ela não tem nada a ver com roça; ela nasceu na cidade e é urbana. E o sertão é mitificado: "isto é música de raiz"... Por que isso? Por que nós precisamos do sertão para dizer quem somos?

Mas não precisamos?

Eu acho que a gente poderia ter mais coisas como referência para definir a nossa identidade e nós não temos. Esse é o problema. Quando eu digo "o pior" também tem a ver com isso. As nossas referências são muito pobres; a nossa identidade é muito frágil. Nós temos nossa identidade a partir de algo que transformamos em épico e não é épico, porque carecemos dessas referências.

Em sua avaliação, de que forma as universidades, especialmente aquelas de tradição agrária, como a UFV, podem minimizar essa crise? Que tipo de reflexões são necessárias atualmente para quem estuda o rural?

As nossas universidades nasceram todas, o que é compreensível, comprometidas com a ideia de progresso, de desenvolvimento econômico, etc. e negando, portanto, essas raízes da origem agrária

da sociedade brasileira. Com isso, nós nos tornamos inimigos de nós mesmos. Se a nossa identidade está fundada toda no agrário, no rural, portanto, na tradição conservadora, e nós queremos transformar isso, mas queremos continuar sendo isso, alguma coisa está complicada na nossa consciência, na nossa relação consciente com aquilo que somos.

Eu penso que, em especial, alunos de escolas de Agronomia, que têm contato mais vivo com o meio rural, deveriam estar atentos a isso. Quer dizer, saber lidar com a ambiguidade própria de quem está querendo mudar o que a consciência nacional não quer mudar. E não é porque somos reacionários ou resistentes a mudanças. Não é isso. A realidade social do ponto de vista sociológico é mais ampla do que o mero desenvolvimento econômico e técnico. É preciso ser crítico em relação à missão que todos nós temos como educadores e profissionais relacionados com o campo. Ser crítico no sentido de saber situar o que somos em relação às estruturas que dão sentido aquilo que nós achamos que somos.

É fundamental para o exercício profissional que não seja uma violência contra aquilo que é o substrato da nossa identidade nacional. Não é que se deva manter as coisas como eram na época de Pedro Álvares Cabral; mas se trata de compreender que essa herança é um patrimônio, um capital cultural, que não pode ser destruído, subestimado.

“

É preciso ser crítico em relação à missão que todos nós temos como educadores e profissionais relacionados com o campo.

”

O senhor acha que há este tipo de reflexão na Universidade?

Não, nós não temos mais. Aliás, acho que nunca tivemos. As poucas pessoas que refletiram sobre isso, nessa perspectiva, nunca foram propriamente consideradas. Há um desprezo no Brasil, por exemplo, pela sociologia rural, como se ela fosse uma sociologia menor. “Quem não tem competência nas ciências sociais vai fazer sociologia rural”. Isso não é verdade. Não conhecer o Brasil rural acaba-se reduzindo o alcance das análises. O desprezo pelo rural e

pelos profissões relacionadas a ele é uma grande ingenuidade, empobrece enormemente a compreensão que nós temos do que é o Brasil.

Embora tenha pesquisas em diversas áreas, o rural tem uma importância significativa dentro da sua obra. A escolha pelo tema foi consciente pelo fato de o senhor ter uma origem rural? O senhor quis mostrar ao mundo um pouco do que viveu?

Não, eu não quis mostrar ao mundo; até porque o mundo é muito grande (risos). De fato, sou de uma família rural e nasci na cidade por força das circunstâncias. Mas minha mãe ficou viúva e casou-se com um homem da roça, para onde voltamos. Passei parte da minha infância na roça. Eu andava 16 quilômetros por dia para ir à escola. Depois voltamos para a cidade. Mas eu voltei mordido pela ideia de ser professor primário na roça. Era o sonho da minha vida. Tem muita coisa para ser dita, para ser aprendida. Eu aprendi muito na roça. Hoje tenho consciência disso.

Quando a gente voltou para a cidade, fui trabalhar imediatamente numa fábrica. Minha família era pobre e precisava do meu trabalho. Eu me sentia - essa consciência eu tinha - desprezado pelo fato de ter uma origem na roça num mundo que a ignorava e que achava que quem tivesse vínculo com ela não valia nada. Eu não achava isso da minha pessoa e nem da minha família.

Quando eu terminei o ginásio, decidi ir para a escola normal e me preparar para o caminho da roça. No final do curso, me interessei pela sociologia. Resolvi, então, que não seria professor na roça, que tentaria a universidade, mas que daria aulas de Sociologia no interior. Fui para a universidade e, antes de terminar o curso, Florestan Fernandes me convidou para ser assistente dele.

No grupo, não havia ninguém trabalhando com o meio rural. Estavam interessados em fábrica, na classe operária e na indústria. Eu fui, relutante, mas finalmente fiz um projeto que era pra roça. Apresentei o projeto e quem apoiou foi o professor Otávio Ianni. O Florestan Fernandes me chamou pra dizer que pesquisa no meio rural não era um projeto da cadeira. Mas eu o convenci de que eu tinha razão e que era importante; que eu não estava fazendo uma sociologia rural divorciada da grande perspectiva teórica com a qual o grupo trabalhava. Eu me interessei pelo tema numa perspectiva que não é exatamente a

da sociologia rural.

Esta reação do Florestan Fernandes e dos outros acadêmicos tinha, em sua opinião, uma relação com o preconceito que o senhor mencionou?

Não tinha relação com o preconceito, mas com a opção da sociologia na universidade. A sociologia rural estava confinada nas escolas de Agronomia. A realidade social passa pela margem; ela não passa pelo centro. Se se quiser compreender o Brasil não adianta focar no centro, no núcleo visível da realidade social, aquilo que está na sua frente. Você tem que ir pela margem, porque é no insignificante que está a significação daquilo que nada significa.

“

A realidade social passa pela margem; ela não passa pelo centro. Se se quiser compreender o Brasil não adianta focar no centro.

”

O desejo de voltar para a roça ficou esquecido?

Eu dei muitos cursos na formação de quadro dos movimentos populares. Virei professor de roça sem ser institucionalmente um professor de roça. No período de 20 anos em que fiquei instalado na região Amazônica, dei cursos de baixo de árvores. Foi uma experiência muito importante. Eu consigo ter um diálogo pedagógico muito fácil com essas populações que estão à margem do sistema escolar. Consigo conversar e dizer coisas importantes, até do ponto de vista teórico, sem maior sacrifício e as pessoas entendem. Então, acabei sendo professor de roça indistintamente.

O senhor disse certa vez que o longo período da ditadura inibiu transformações e que quando elas acontecem são poucas e pouco significativas. Essas manifestações que temos assistido no país são transformações ou sinalizam alguma transformação significativa?

Significativa elas certamente são. Ninguém vai sair impune dessa história. A sociedade brasileira não vai sair a mesma depois que as manifestações refluem. Mas as transformações que virão também não serão muito significativas. Essa crise das manifestações, em primeiro lugar, é uma crise de gerações. Acontece no Brasil e tem

acontecido em outros países. Esses jovens que estão puxando as manifestações eram bebês ou não tinham nascido, quando foi firmado o pacto político que sustentou o governo do PT, que deu ascensão política ao PT e mudou politicamente o país.

O pacto da ascensão do PT fez muitas concessões ao sistema político tradicional. Ele apelou para os grupos que foram descartados desses processos para poder se sustentar politicamente, já que não tinha a maioria suficiente. Fernando Henrique também teve esse problema. Esses pactos são diabólicos. A gente não sabe o que sai de dentro deles. E esse pacto está esgotado. As manifestações de rua simplesmente dizem o seguinte: “nós não estávamos lá”; “nós não assinamos embaixo”; “não fomos consultados” e “não queremos saber”.

Só que o pacto que gerou a ascensão política do sistema atual está visivelmente vencido. As grandes promessas não foram cumpridas, porque não são as pessoas que decidem se vão cumprir ou não. Isso é uma lei social. Eu até diria que o mais significativo desse conflito de agora é que não foram as grandes reivindicações de porcentagens de reajuste de salário na mesa de negociação. Foram 20 centavos. O que está na rua é a população que ficou à margem do pacto. O modo de lidar politicamente com essa margem estava errado; eles não souberam lidar.

“

O pacto que gerou a ascensão política do sistema atual está visivelmente vencido.

”

E esses 20 centavos aglutinam...

Henri Lefebvre costumava falar em insurgência dos resíduos e coalizão dos resíduos. O capitalismo foi capaz de desenvolver mecanismos brutais de controle social. Eles mandam na nossa consciência, podem fazer o que querem: internet, televisão... Tudo pode nos controlar, amansando a nossa consciência, as nossas reivindicações. Só que sempre fica alguma coisa sobrando, que não é capturada, que é o insignificante. Então, esses pactos que foram feitos pra criar o sistema político atual do Brasil deixaram os temas in-

significantes de fora. De repente, os 20 centavos juntaram todas as insignificações: O que o futebol tem a ver com os 20 centavos? Não tem nada, mas juntam todos os descontentamentos e levam todo mundo à rua. A população descobriu que tem uma cara e que o poder tem medo. Essa foi a grande descoberta. Eles entraram no Congresso Nacional, no Palácio de Governo de São Paulo, na Prefeitura de São Paulo...

“

A população descobriu que tem uma cara e que o poder tem medo. Essa foi a grande descoberta.

”

As manifestações trazem consigo três elementos: um movimento que não está vinculado a um partido, que não tem uma liderança e que foi mobilizado pela internet, o que é novo e significativo. Como podemos analisar isso à luz da sociologia? Esse movimento terá continuidade?

Eu não sei. Existe um protagonismo direto dessa figura política sem cara. Ela não tem uma cara. No caso do movimento sindical, tem uma cara operária. Neste caso, ela não tem uma cara. Quem aparece falando alguma coisa é um jovem que parece ser um estudante, mas que vai ver não é propriamente um estudante, ou é uma velhinha, uma mulher rica... Então, é uma personagem difusa. Não é uma pessoa nem individual nem coletiva; é o fragmentário de cada um de nós.

Nós vivemos numa sociedade em que somos fragmentados. É aquilo que o Zygmunt Bauman chama de “Modernidade Líquida”. De fato, tudo foi liquefeito. Não adianta ficar catando as categorias, os grupos, e tentar ver qual é a cara, qual é a identidade. Não tem. Amanhã pode virar outra coisa que a gente não sabe o que é. Por isso, fica difícil fazer previsões a partir da não identidade, da não consistência identitária da personagem que está atuando. Ela é abstrata e difusa, porém com reivindicações poderosas. E eu também não acho que internet não tenha tanto esse poder. Ela tem um poder, mas acho que o noticiário da TV, neste caso, teve mais poder.

PESQUISA

Artigos projetam qualidade da pesquisa realizada na UFV para o mundo

Dois artigos publicados em duas importantes revistas científicas internacionais repercutiram em sites, jornais e revistas de todo o mundo, projetando a qualidade da pesquisa científica realizada por pesquisadores da UFV. Ambos têm como um dos autores, o professor Marcos Heil Costa, do Departamento de Engenharia Agrícola.

Um dos artigos, publicado no *Environmental Research Letters*, é fruto da tese de doutorado defendida pela pesquisadora Leydiere Oliveira, orientada pelo professor Marcos Heil Costa. A pesquisa, que originou o artigo, investigou o delicado equilíbrio entre a floresta amazônica e o clima da região. Ela concluiu que a substituição da floresta por pastos e plantação de soja no processo de expansão agrícola pode ser prejudicial não só para o ambiente, mas também para a própria agricultura. Os pesquisadores trabalharam com o princípio de que a floresta controla o regime climático da região. Assim, até 2050, com o desmatamento, deverá haver redução no volume de chuvas. Aliada ao processo de aquecimento global, a tendência é a de que haverá diminuição da produtividade de soja e pasto.

Segundo os pesquisadores, a

estiagem pode reduzir a produtividade das pastagens de 30% a 34%. Já a elevação da temperatura pode provocar uma redução no plantio de soja de 24%, no melhor cenário, e 28%, no pior. Isso porque a pesquisa considerou dois cenários: um em que a legislação ambiental é implementada e o governo é atuante, e o outro com desmatamento intenso, semelhante ao que ocorria entre os anos de 2000 e 2004, quando a taxa anual bateu em 27%.

Segundo o professor Marcos Heil Costa, este é o primeiro estudo que mostra que a expansão da agricultura na Amazônia, além de determinados limites, pode ser um cenário em que todos perdem (*no-win scenario*). "Ao expandir a agricultura de maneira excessiva, são perdidos importantes serviços ecossistêmicos prestados pela floresta amazônica, como armazenagem de carbono e regulação climática. A perda desse último serviço ambiental impacta a produtividade agrícola, com perda de produção. No fim, a perda da produtividade não é compensada pelo aumento da área plantada, e se perde tanto no estoque de carbono quanto na produção agrícola", disse o professor Marcos.

Também são autores do artigo os professores Britaldo Silveira Soares Filho, da Universidade Federal de Minas Gerais, e Michael Coe, do *Woods Hole Research Center*, onde a pesquisadora realizou parte do seu doutorado.



A geração de energia da usina pode não chegar a 25% do que se espera

Desmatamento na Amazônia pode comprometer usina de Belo Monte

A Usina de Belo Monte, um bilionário investimento brasileiro na bacia do Rio Xingu, na Amazônia, pode ser um fiasco se o desmatamento da região não for contido. A geração de energia da usina pode não chegar a 25% do que se espera e o Brasil ainda terá que gastar muito mais com a construção de outras barragens na bacia do Xingu para minimamente aproveitar o investimento. O cenário pessimista é fruto de um cuidadoso estudo científico que cruza dados de modelagem climática, hidrológica, de uso do solo e de geração de energia. O artigo foi publicado, em maio, na revista científica americana *PNAS* e, imediatamente, repercutiu nos principais veículos de comunicação do mundo. Da famosa revista científica *Science* ao jornal *New York Times*, da BBC ao jornal *Folha de São Paulo*, todas as matérias jornalísticas discutiram a importância do artigo na definição da política energética do Brasil. "O que me surpreendeu foi que a nossa pesquisa repercutiu muito mais nas páginas de negócios do que nas de meio ambiente", disse o professor Marcos Heil Costa, um dos autores do artigo. A Usina de Belo Monte é um investimento de mais de R\$30 bilhões

e pretende ser a terceira maior do mundo em potencial de geração de energia, suprimindo 40% do crescimento na produção de eletricidade do Brasil até 2019. Ainda segundo Marcos Heil, atualmente todo o potencial hidrelétrico inexplorado do Brasil está nas bacias dos rios Tocantins e Amazonas. "O potencial hidrelétrico dos demais rios do Brasil está esgotado e, por isso, o mundo está de olho nos projetos amazônicos que determinam investimentos futuros que dependem de energia". O professor explicou ainda que o planejamento energético nacional costuma considerar um cenário de, no máximo, 20 anos e apenas as interações ambientais dentro da bacia onde será construída a usina. O trabalho dele - e de outros sete autores de várias instituições de pesquisa - considera que o desmatamento no entorno da bacia do rio Xingu irá reduzir a evapotranspiração de água. Isso vai gerar um efeito climático que poderá diminuir o volume de chuvas e, conseqüentemente, a quantidade de água disponível nas áreas inundadas que abastecem a usina. Normalmente, o desmatamento da floresta amazônica é discutido no contexto de perdas de biodiversidade, do estoque de car-

bono e das populações indígenas. O estudo vai além, "mostrando perdas econômicas e energéticas no Brasil e, possivelmente, em outros países tropicais", explicou Marcos Heil. Ele ressaltou ainda que outras hidrelétricas da Amazônia também serão prejudicadas, caso o desmatamento continue. "Traçamos um cenário para os próximos 30 ou 40 anos, mas que deveria ser considerado nos projetos energéticos que, por sua vez, determinam o crescimento econômico do país". Segundo o professor, para manter a previsão energética da Usina de Belo Monte, seria preciso parar o desmatamento na Amazônia, que já atinge cerca de 15% do total da floresta. Se a expansão da fronteira agrícola, para introduzir a pecuária ou a agricultura na região amazônica, crescer nos próximos 40 anos, o desmatamento poderá chegar a 40%, o que alteraria o clima regional e comprometeria seriamente a geração de energia. "Nosso estudo sai da esfera acadêmica para alertar que reverter o desmatamento vai gerar mais energia elétrica para o crescimento do país", disse o professor.

Léa Medeiros



Este é o primeiro estudo que mostra a interferência do clima na agricultura da Amazônia

PESQUISA



Esqueça a imagem de usinas de carvão que exploravam mão de obra infantil ou escrava, devastavam florestas nativas e jogavam no ar aquela fumaça preta, tóxica e poluente. Tecnologias geradas a partir de teses e trabalhos científicos na Universidade Federal de Viçosa foram capazes de criar a primeira refinaria de carvão ecológico do Brasil. Nela, os gases gerados pela queima do carvão também são queimados até que não sobrem partículas tóxicas e poluentes.

O Brasil produz cerca de 10 milhões de toneladas de carvão vegetal ao ano. Este total é usado para diversas finalidades, inclusive na siderurgia, gerando muita poluição e desperdiçando grande quantidade de energia. Até agora, pelo menos a metade da energia

gerada na produção de carvão era jogada na atmosfera em forma de fumaça, contendo compostos químicos poluentes.

Mas o que sai das chaminés da refinaria inaugurada na zona rural de Divinésia, município próximo a Ubá, na Zona da Mata mineira, é uma fumaça incolor que contém basicamente dióxido de carbono e vapor de água. Segundo o engenheiro florestal Daniel Câmara Barcellos, idealizador do projeto e ex-aluno da UFV, a madeira é queimada nos grandes fornos que se intercomunicam fazendo com que a fumaça seja tratada antes que saia pelas chaminés.

Daniel Barcellos explica que a refinaria ecológica de carvão nasceu de um conceito simples, visando controlar a poluição e manter a geração de energia térmica constan-

te. "Durante as 96 horas de carbonização da madeira, há produção de uma mistura de mais de 200 compostos químicos, que variam em massa e concentração, ao longo do tempo. Esses compostos têm energia e representam quase a metade da energia inicial no processo. A solução foi concentrar em único local um *mix* da fumaça de vários fornos em diferentes estágios para obter uma fumaça mais homogênea ou um combustível mais homogêneo dentro do equipamento de controle de poluição, que denominamos de queimador de fumaça". Ainda segundo Barcellos, processos produtivos como este podem controlar quase 100% da poluição, reduzindo a emissão de gases de efeito estufa.

A refinaria é ecológica em todo o processo de produção. Lá, quan-

do os fornos são abertos, o carvão é retirado por máquinas e colocados em contêineres para ser comercializado. Não há contato direto dos trabalhadores com o carvão. O transporte do produto é feito por meio de caçambas, evitando também a contaminação do solo.

Inauguração

A refinaria foi inaugurada, em maio, pelo vice-governador de Minas, Alberto Pinto Coelho, em solenidade realizada na Fazenda Guaxupé, com a presença da reitora da UFV, Nilda de Fátima Ferreira Soares; do vice-reitor, Demetrius David da Silva; do secretário adjunto de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Evaldo Vilela, e de prefeitos da região. Todos destacaram o espírito empreendedor do empresário Sebastião Fernandes, proprietário da fazenda que acreditou na tecnologia desenvolvida pela UFV, investindo na criação da usina ecológica.

"Vejo aqui a convergência da capacidade do conhecimento gerado na universidade com a capacidade empreendedora de um empresário, ambos comprometidos com o desenvolvimento sustentável", disse o vice-governador. Para a reitora, a criação da usina é uma amostra de que a UFV merece estar na lista das 100 melhores universidades do mundo em ciências agrárias e florestais. O ranking foi publicado pela empresa inglesa QS World University Rankings. "Este é um projeto que mostra como a relação da universidade com a sociedade é interessante

para o país, sobretudo, com o compromisso com a sustentabilidade ambiental", disse a professora Nil-da.

A refinaria

A refinaria de carvão ecológico está situada numa área de dois mil hectares. O carvão é originário de cerca de 1,5 milhão de pés de eucaliptos, plantados com a participação da UFV. Os plantios foram gerados a partir de clonagem de árvores melhoradas geneticamente, resistentes a doenças e de rápido crescimento, aptas para a produção de carvão, segundo o professor Acelino Couto Alfenas, do Departamento de Fitopatologia, que mantém na Fazenda uma rede experimental de teste clonal.

A produção atual da refinaria é de 2,5 mil metros cúbicos de carvão por mês, mas tem capacidade para chegar a 3 mil. Os efluentes gerados nas instalações da refinaria são captados em reservatórios próprios e não consomem energia elétrica. O carvão vegetal produzido na Fazenda Guaxupé é utilizado para produção de silício metálico de uma multinacional norte-americana, que é exportado para o mundo para a fabricação de inúmeros produtos, como silicone, painéis fotovoltaicos, chips de computadores.

Os plantios de eucalipto e a refinaria ecológica são visitados constantemente por alunos do curso de Engenharia Florestal e pós-graduandos em Fitopatologia da UFV como parte de disciplinas acadêmicas.

Lia Medeiros

Água com mais qualidade no campus Viçosa

Incolor, inodora e insípida. É dessa maneira que esperamos encontrar a água ao abrir a torneira. Mas não é exatamente assim que ocorre. Isso porque essas são propriedades da água pura (H₂O) que praticamente não existem, pois em seu ciclo na natureza ela incorpora várias substâncias que podem alterar sua aparência e provocar algum gosto e odor, nem sempre removidas com tratamento.

Para que este líquido vital não seja rejeitado pelo consumidor, a norma brasileira de qualidade da água para consumo humano, editada pelo Ministério da Saúde, estabelece padrões estéticos (conhecido como padrão organoléptico) que, em conjunto com limites para substâncias e microrganismos que represen-

tam risco à saúde, compõem o padrão de potabilidade (se é própria para consumo).

O professor do Departamento de Engenharia Civil (DEC) e chefe da Divisão de Água e Esgoto (DAG), Rafael Bastos, lembra que desde a primeira edição da norma em 1977 já eram impostos padrões de gosto e odor da água para consumo humano, porém de forma muito vaga e subjetiva. "A nova versão da norma, de dezembro de 2011, criou critérios mais técnicos e objetivos, através do método de análise sensorial".

Para se adequar à nova norma, a DAG realizará análise sensorial da água que é distribuída no campus Viçosa. Pessoas treinadas darão nota à água após prová-la e cheirá-la. O objetivo é evitar que os consumidores sintam gosto e odor desagradáveis. O projeto faz

parte do pós-doutorado de Adriana Magalhães, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no âmbito do edital do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) de 2011 e coordenado pelo professor Rafael Bastos, "Uma das maiores reclamações, hoje, dos consumidores é justamente em relação ao cheiro e ao gosto [da água]", lembra a pós-doutoranda.

Painel Sensorial

A avaliação é feita por meio da técnica conhecida como Painel Sensorial, quando pessoas treinadas se reúnem para testar e dar notas à água em termos de gosto e odor. "Os integrantes do Painel devem ser treinados para aguçar os sentidos e perceber ligeiras alterações. É uma técnica já conso-

lidada, similar ao que se faz na indústria de alimentos, como os provadores de café, por exemplo", lembra o professor Rafael Bastos.

O primeiro treinamento que os integrantes do Painel Sensorial da UFV receberam foi ministrado pelos consultores Caetano Mautone e Maureen Sakagami, responsáveis pela implantação dessa técnica na Companhia de Saneamento do Estado de São Paulo (Sabesp). Isso aconteceu em fevereiro e participaram professores e técnicos de diferentes localidades da Universidade. As reuniões do Painel tiveram início em julho e serão quinzenais. Os integrantes continuarão recebendo treinamento, agora realizado pela DAG com participação de especialistas em Análise Sensorial do Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA) da UFV.

A análise sensorial faz parte da meta da DAG de constante melhoria da qualidade da água. "O grande benefício é a melhoria do serviço prestado em termos de segurança da água fornecida para consumo no campus", ressalta o professor.

De onde vem a água?

A água consumida no campus Viçosa da UFV vem do ribeirão São Bartolomeu. Em seu trajeto, o curso d'água corta o campus universitário e sofre cinco barramentos consecutivos, que deram origem às cinco lagoas da Universidade. É na segunda (mais conhecida como Lagoa da Funaribe) que a Estação de Tratamento de Água (ETA) capta 50 litros de água por segundo para abastecer o campus.

Pedro Henrique Vital, bolsista

Campi da UFV sob nova direção

Rio Paranaíba



O dia 17 de junho foi marcado por eventos importantes no campus de Rio Paranaíba: a inauguração do Pavilhão de Aulas, o lançamento do monumento que representa um marco histórico do CPR e a posse de seu novo diretor, o professor Frederico Garcia Pinto. Ele substituiu o professor Luciano Baião Vieira, que esteve à frente do campus nos últimos quatro anos e meio.

Com seis anos de existência, o campus Rio Paranaíba escolheu, pela primeira vez, seu diretor por meio de consulta à comunidade universitária. Por isso, a cerimônia, segundo a reitora Nilda de Fátima Ferreira Soares, foi um marco. Ela agradeceu a dedicação do professor Luciano, que também foi agraciado pelos moradores da cidade com o título de cidadão honorário, e a disponibilidade do professor Frederico. Ao ser empossado, o novo

diretor disse que vai "atuar com luta e dedicação para corresponder às expectativas".

O professor Frederico Garcia Pinto possui graduação em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestrado e doutorado em Química Analítica pela mesma instituição. Atua como professor no CRP desde 2009, onde também foi chefe do Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas.

Pavilhão

O novo Pavilhão, com 10 mil metros quadrados, tem 32 salas de aula e laboratórios de informática. Ele veio proporcionar mais conforto e facilitar o acesso dos estudantes às aulas. Antes da sua construção, eles tinham que ir até a divisão CRP 1, a 13 quilômetros do centro da cidade. Com o Pavilhão de Aulas, as atividades de ensino, pesquisa e extensão passarão a acontecer na divisão

CRP 2, a dois quilômetros de Rio Paranaíba.

Para registrar o momento, os participantes da cerimônia desceram um monumento e plantaram uma árvore. "O monumento eterniza o nome de mais de 700 pessoas e agradece a todos que contribuíram para a compra do terreno de 20 hectares, possibilitando que o campus ficasse a menos de dois quilômetros da cidade", ressaltou a reitora.

Durante as atividades, os estudantes se reuniram com a reitora e sua comitiva para discutir melhorias no CRP. Representantes de todos os cursos e do Diretório Central dos Estudantes foram recebidos em uma reunião, na qual a reitora informou os próximos investimentos programados para o campus: a construção do Restaurante Universitário e a contratação de profissionais de saúde - médico e enfermeiro - para atuarem em uma unidade no CRP.

Florestal

Em Florestal, a posse do diretor Antônio Cézár Pereira Calil aconteceu no dia 12 de julho. A cerimônia, realizada no Salão Nobre daquele campus, foi presidida pela reitora da UFV, Nilda de Fátima Ferreira Soares. Calil também foi reeleito por meio de consulta à comunidade acadêmica - realizada em janeiro - para exercer o mandato de 2013 a 2016.

Para ele, que ficou no cargo nos últimos quatro anos, "o passado é importante em termos de experiência, de tomada de decisão e amadurecimento". Contudo, destacou: "agora, temos que olhar para frente". Ele se disse otimista para fazer uma grande gestão, devido à sua equipe de trabalho e ao apoio da administração superior da UFV e de toda a comunidade acadêmica.

Em seu discurso, o diretor lembrou o crescimento da infraestrutura do campus e citou algumas obras que foram e estão sendo realizadas, como o pavilhão de aulas e o núcleo de laboratórios de

ensino. Calil lembrou também a construção do novo Restaurante Universitário (RU) e da nova biblioteca, para melhor atender à demanda dos estudantes.

A reitora da UFV comentou sobre sua satisfação em ter o professor Calil por mais quatro anos à frente do campus Viçosa. Segundo ela, trata-se de uma pessoa que se dedica muito ao trabalho que faz e que tem grande vontade de ajudar o campus Florestal a crescer. "Eu tenho certeza de que o professor Calil vai fazer tudo de uma forma muito dinâmica, porque nós estamos juntos e temos uma parceria muito boa", disse a professora Nilda.

Durante a cerimônia, a reitora anunciou a liberação de R\$700 mil para a compra de equipamentos para laboratórios. Além disso, autorizou também a reforma nos alojamentos do campus, inicialmente com a troca de janelas e pisos, e a cobertura da quadra esportiva para a realização de eventos e atividades do curso de Educação Física-Licenciatura,

além de mais R\$ 300 mil.

Fizeram parte ainda da mesa de cerimônia, o vice-reitor Demetrius David da Silva; o pró-reitor de Ensino, Vicente de Paula Leles; o diretor geral do campus Rio Paranaíba, Frederico Garcia Pinto; a secretária do Conselho Acadêmico Administrativo do campus Florestal (Coad), Maria Lúcia de Paula, e o prefeito de Florestal, Herbert Fernando Martins de Oliveira.

Diretor

O professor Antônio Cézár Pereira Calil ingressou na UFV-Florestal/Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário de Florestal (Cedaf) em 1991. Ele começou como professor das disciplinas *Defesa Sanitária Vegetal* e *Fruticultura*. Na instituição, já exerceu os cargos de coordenador de Pesquisa, chefe do Núcleo de Agroecologia, diretor assistente, diretor da Cedaf, coordenador de Extensão e Cultura e diretor do campus UFV-Florestal.

Fernanda Rossoni



Projetos aproximam prática de conteúdo e valorizam currículo

Recentemente estudantes do curso de Engenharia Agrícola e Ambiental, coordenados pelo professor Francisco Assis, do Departamento de Engenharia Agrícola (DEA), voltaram de uma experiência no Rally da Safra, um dos principais eventos do agronegócio brasileiro. Eles tiveram a oportunidade de vivenciar a realidade da agricultura no Brasil, percorrendo mais de 60 mil quilômetros, colhendo amostras nas lavouras de milho e soja em 11 estados. Pela segunda vez, estudantes da UFV participaram do evento, que é coordenado pelo ex-aluno de Agronomia da Universidade André Pessôa.

Experiências em projetos coletivos que aproximam a teoria da prática têm sido cada vez mais comuns na UFV. E quem os coordena garante que, além de enriquecer o currículo do aluno, eles promovem o trabalho em equipe e o gerenciamento dos recursos disponíveis. A equipe UFVbaja é um exemplo disso. Formada em 2008 por estudantes de Engenharia Mecânica, ela agregou posteriormente alunos dos cursos de Engenharia Elétrica, Agrícola e de Produção e de Física do campus Viçosa. A proposta "é criar um veículo fora de estrada, monoposto, seguindo uma série de normas de segurança preestabelecidas", conforme explica a coordenadora Geice Villibor, professora do Departamento de Engenharia de Produção e Mecânica (DEP). A equipe participa com outras universidades de competições lançadas anualmente pela Sociedade de Engenheiros da Mobilidade (SAE). Na Regional Sudeste de 2012, a UFV alcançou o 12º lugar entre 30 equipes.

Para Geice, o projeto UFVbaja é uma "oportunidade de o aluno 'correr atrás de informação', não só na parte técnica, mas também na de questões relacionadas ao marketing, à gestão e até ao meio ambiente". Ela ressalta que a competição e o projeto como um todo são bem parecidos com o que o estudante vai encontrar no mercado de trabalho. Além disso, é possível trocar experiências com outras universidades sobre as tecnologias utilizadas nos carros.

Sérgio Henrique de Moura As-

sis, ex-integrante da equipe UFVbaja, diz que a sua participação no projeto foi fundamental para a aprovação no mestrado do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), após ter se formado em Engenharia Mecânica. Ele afirma que, por meio do projeto, fez contatos profissionais e aprofundou conhecimento no tema do mestrado. "Construir um carro não é tarefa fácil, pois envolve fabricação, material e pensar como vão ser



A equipe UFV-Baja participa de competições e troca experiências com outras universidades

feitas as peças e como vão interagir no sistema que o colega está fazendo". Sérgio considera o projeto completo, porque dá ao estudante um diferencial não só para o mercado de trabalho, mas também para o mestrado, que exige um perfil diferenciado, como é o seu caso.

Com a mesma dinâmica do Baja - e promovido também pelo SAE Brasil -, o AeroDesign consiste no desenvolvimento de um

projeto de aeronave - da concepção à construção e testes. A UFV possui duas equipes que participam anualmente da competição nacional: a Skywards, do campus Viçosa, e a Acauã, do campus Florestal. A primeira é composta por 20 estudantes dos cursos de Engenharia Mecânica, de Produção e Elétrica. Desde dezembro de 2012, ela é coordenada pelo professor do DEP Charles Luís da Silva. Já a Acauã é formada por

estudantes de Física e de Engenharia de Alimentos. Orientados pelo professor Robson Luiz Santos, do curso de Física, os trabalhos do AeroDesign em Florestal tiveram início em junho de 2010, após a aprovação de um projeto de pesquisa no edital da Fapemig.

Na opinião do professor, o projeto é "uma excelente oportunidade para a formação profissional dos alunos, que são estimulados a desenvolver aptidões importantes



A aeronave da Skywards ficou em 2º lugar na última competição SAE-Brasil Aerodesign

em suas futuras carreiras, como liderança, espírito de equipe e planejamento". Ele diz ainda que as tarefas de desenvolvimento de uma aeronave requerem muito estudo, organização e trabalho, características que, em sua opinião, são fundamentais para uma boa formação acadêmica.

Para o professor Alexandre Brandão, do Departamento de Engenharia Elétrica (DEL), que coordena o projeto de inovação de robótica Believe, Do and Play (BDP), o aprendizado em organização de tarefas não é ensinado nos cursos; somente nos trabalhos em equipe. O BDP, que envolve tecnologia e entretenimento com a criação de robôs para disputa de uma competição de futebol, reúne um estudante de Física e nove de Engenharia Elétrica.

Segundo Alexandre, por ser o futebol o esporte mais acompanhado no mundo, a ideia dos organizadores foi propor um ambiente competitivo no qual as equipes poderiam testar suas estratégias de controle e inteligência artificial. Antes de participar da competição, devem ser desenvolvidos os projetos estrutural (mecânico), eletrônico e de controle do robô. Como os jogos são realizados sem a intervenção humana, durante a partida é necessário o desenvolvimento de uma plataforma computacional, capaz de receber dados e guiar os robôs.

O objetivo principal dos trabalhos é participar da RoboCup, competição mundial realizada anualmente e que, em 2014, acontecerá no Brasil. O foco da equipe, segundo o coordenador, "é formar profissionais na área de engenharia, com ênfase em robótica". Por isso, os próprios estudantes são responsáveis por projetar, programar e testar as melhores configurações estruturais dos robôs. A montagem eletrônica é realizada por meio de testes, que quase sempre são validados nos momentos de competição.

Alexandre conta que "a criação é a parte mais importante em projetos dessa natureza, afinal os alunos são colocados em situações de proposta de soluções eficientes em um curto espaço de tempo". Os trabalhos desenvolvidos individualmente fazem parte de um proje-

to maior e, por isso, é necessário planejar algo como um todo e executar uma parte, sem interferir negativamente no projeto do colega.

Três ex-participantes do BDP e já graduados se envolveram em áreas correlatas à do projeto: Igor Henrique Pizetta fez mestrado em robótica na Universidade Federal do Espírito Santo; Carlos Roberto Castelano trabalha na Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) com o desenvolvimento de veículos aéreos autônomos, e Rafa-



O projeto foi fundamental para Sérgio Henrique

el Rosado em uma empresa prestadora de serviços de desenvolvimento de tecnologias que envolvem inteligência artificial.

Vale destacar que esses projetos, que dão aos estudantes condições básicas para enfrentar o mercado, somente são possíveis com financiamentos de instituições de fomento à pesquisa, como a Fapemig. Por meio do edital do Programa Santos Dumont, o veículo e as aeronaves têm sido projetadas. A equipe Believe, Do and Play também já foi agraciada pelo programa, em 2011 e 2012.

Outros patrocinadores, como empresas produtoras de peças para manutenção e composição mobilística e espacial, também têm dado apoio às equipes, com doação de materiais para a produção da aeronave, como no caso da equipe de AeroDesign de Viçosa. A BDP também recebe recursos da Fundação Arthur Bernardes (Furnarbe), que serviram inicialmente para a compra dos robôs. Anualmente, concede ainda recursos para a sua manutenção, investimento em marketing e participação em eventos. Mas, apesar do apoio, os recursos ainda são limitados e os projetos dependem principalmente da dedicação e esforço das equipes.

Bárbara Albuquerque, bolsista

